

APROFUNDAMENTO DA FICHA 10

10. Não se é cristão para si mesmo, mas com Cristo para os outros

«O destino, a intenção profunda da comunidade cristã é o mundo, “para os homens” [diz Dom Giussani]: uma dedicação profunda e apaixonada aos homens e ao seu destino, uma tensão para tornar presente dentro da trama da convivência habitual, na qual os homens sofrem, esperam, tentam, negam, esperam o sentido último das coisas, o Fato de Jesus Cristo, única salvação dos homens» (Ficha nº 10).

Os testemunhos de Benedetta e do bispo Tito Banchong do norte de Laos mostram dois exemplos deste «ser para», entre os bancos da escola e na selva de Laos: Cristo toma hoje o nosso sim para alcançar, através de nós, todos os homens.

O desejo de me envolver

Há cerca de um mês, desapareceu um nosso amigo muito querido, o Mario, deixando inesperadamente a mulher e os quatro filhos. A dor que esta morte provocou foi enorme, mas, para mim, foi igualmente grande descobrir, nesta ocasião, o quanto é verdade que a realidade não está contra nós e que nada acontece para o nosso mal. A minha professora de grego dizia: «As lágrimas lavam o olhar», e com efeito, depois da morte do Mario, não pude deixar de olhar para o meu pai de uma maneira diferente e de me dar conta de como a nossa relação melhorou imensamente. Além disso, outra coisa que me surpreendeu verdadeiramente foi ver quanto bem pode nascer de uma coisa tão trágica. Logo no dia seguinte ao falecimento, com efeito, muitos jovens da escola dirigiram-se à capela de um hospital, onde alguns de nós de manhã vão rezar o *Angelus* antes da campanha tocar. O que me espantou foi o grande número de pessoas presentes, entre as quais jovens que eu acho que nunca tinham rezado na vida, como um colega meu de turma que se declara ateu convicto, mas que estava ali com os outros para estarem junto da sua professora de religião (mulher do Mario) e do seu colega de escola, Davide, que tinha acabado de perder o pai. Estes foram alguns dos sinais que eu apercebi, mas há muitos outros: por exemplo, o desejo de me envolver durante a aula de religião, discutindo com o meu professor sobre a vida depois da morte, tema que por acaso tinha que debater com o meu grupo; ver o quanto a minha amizade com os jovens de GS e com o próprio Davide está crescendo e se tornando cada vez mais verdadeira; o dar-me conta do quão preciosa é a minha fé no momento em que, falando com uma colega minha, ela me diz: «Eu gostaria mesmo de ter a fé que você tem, mas diante destes acontecimentos tão terríveis a pouca fé que tenho diminui ainda mais...só sinto raiva». É estranho como os outros veem em nós alguma coisa da qual nós nem nos damos conta. Procurei sempre ser eu mesma com os meus colegas, para mostrar aquilo em que acredito, mas como falhei miseravelmente, renunciei a isso. E agora, precisamente neste momento, a minha colega me olha e me diz: «Gostaria de ter a tua fé, tu tens muito mais certezas».

Eu não sei por que razão Deus escolheu a morte do Mario como meio para me fazer descobrir tudo isto, não acredito que estes sinais possam justificar a sua morte, aliás não podem; mas agora aquilo que me resta fazer é agradecer por tudo isto, agradecer porque estes acontecimentos despertaram em mim o desejo de viver plenamente a minha vida- exatamente como o Mario fazia, dizendo o seu sim como Pedro -, despertaram o meu desejo de infinito.

Benedetta

»

» Os dois bispos coragem na busca de católicos na selva de Laos*

Depois de os ter conhecido, Francisco contou aos seus colaboradores que tinha sentido vergonha: «Eles eram o centro, eu a periferia», confidenciou o Pontífice, «Estes bispos sofreram continuando a testemunhar a sua fé com alegria, em pequenas comunidades. No final da audiência, senti-me... envergonhado». Tito Banchong e Louis-Marie Ling são bispos em Laos e vivem em comunidades das quais se sabe e se fala muito pouco. A história deles tem traços comuns com a que foi vivida há séculos pelos «cristãos escondidos» japoneses, apresentada sob a luz dos refletores nestas semanas graças ao bonito filme «Silence» de Martin Scorsese. [...]

O bispo Banchong, que hoje conduz a comunidade dos batizados em Luang Prabang, no norte de Laos, em 2000 foi à procura dos fiéis de porta em porta. Durante 12 anos foi o único padre num território mais extenso do que a Itália meridional. Procurou «um por um» os batizados sobreviventes que há 25 anos – depois da subida ao poder do movimento comunista Pathet lao, em 1975 – deixaram de ter igrejas, sacramentos, ou imagens sagradas. «Tinham conservado a memória da fé apenas no coração», diz-nos. Conhecida a notícia da volta de um padre católico a Luang Prabang, muitos desceram das montanhas ou vieram das aldeias remotas para serem abençoados e para confessar a sua fé, que permanecera intacta. Em anos de incansável trabalho pastoral, realizado com doçura e confiança, Banchong, de 69 anos, reanimou a comunidade, batizou, visitou as famílias, levou o Evangelho às pequenas aldeias das montanhas entre as tribos hmong, khmou, akha.

Hoje, tem a responsabilidade pastoral de trinta mil cristãos que vivem a fé num contexto predominantemente budista e animista, marcado por uma burocracia de tipo socialista que durante anos foi sufocante – o bispo tinha de pedir autorização para qualquer pequeno deslocamento – e que nos últimos 15 anos assistiu a um gradual alívio da pressão sobre a liberdade religiosa. [...]

«Deus esteve sempre conosco, neste cantinho do mundo, mesmo nas provações», repete Banchong com a alegria no rosto. O bispo está ainda emocionado pelo encontro com o Papa Francisco: «Para nós é um pai misericordioso». E lembra os mais de cinco anos passados na prisão, entre 1976 e 1986, como um «longo retiro espiritual». Um tempo no qual, sem poder celebrar missa, «o meu corpo era o corpo de Cristo e o meu sangue era o sangue de Cristo». O governo tinha expulso todos os missionários estrangeiros e os poucos padres laosianos tinham sofrido condenações gratuitas do regime comunista. Após os três primeiros anos atrás das grades, é imposta ao jovem padre Tito uma pena ainda pior: alistar-se no exército. «Velei e rezei uma noite inteira, depois aceitei tornar-me um soldado como vontade de Deus», conta-nos. «Era responsável pelo aprovisionamento da comida para as tropas e podia deslocar-me livremente, graças ao uniforme. Era uma oportunidade para visitar os cristãos e para fazer catequese sem ser perturbado», explica com um sorriso, temperado por uma mistura evangélica de candura e astúcia. «Hoje – afirma Banchong – digo aos nossos padres: não tenham medo, façam a vontade de Deus, e assim Ele agirá nesta comunidade e no nosso país». [...]

Olhando-os nos olhos e tendo presente as suas histórias, no último dia 30 de janeiro, na missa em Santa Marta, o Papa Francisco disse: «A maior força da Igreja hoje está nas pequenas igrejas, pequeninas, com pouca gente, perseguidas, com os seus bispos na prisão. Esta é a nossa glória hoje, esta é a nossa glória e a nossa força hoje».

* A. Tornielli – P. Affatato, «Os dois bispos coragem na busca de católicos na selva de Laos», La Stampa, 2 de fevereiro de 2017, pp. 1,15.